



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ANDREZA GAZZANA DA SILVA POSSENTI FARIAS**

**VIOÊNCIA ESTRUTURAL, SEUS IMPACTOS NO COTIDIANO DA  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLARE AS FORMAS DE (RE)AÇÃO NÃO-  
VIOLENTAS**

Florianópolis/SC

2020

AndrezaGazzanadaSilva PossentiFarias

**Violência estrutural, seus impactos no cotidiano da Educação Física escolar e as formas de (re)ação não-violentas**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física – Hab. Licenciatura, Centro de Desportos/CDS, da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Edgard Matiello Júnior

Florianópolis/SC

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Farias, Andreza Gazzana da Silva Possenti  
VIOLÊNCIA ESTRUTURAL, SEUS IMPACTOS NO COTIDIANO DA  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E AS FORMAS DE (RE)AÇÃO NÃO  
VIOLENTAS / Andreza Gazzana da Silva Possenti Farias ;  
orientador, Edgard Matiello Júnior, 2020.  
57 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Educação Física. 3. Educação Física  
Escolar. 4. Violências. 5. Violências e Escola. I.  
Matiello Júnior, Edgard. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Graduação em Educação Física. III. Título.

Andreza Gazzana da Silva Possenti Farias

**Violência estrutural, seus impactos no cotidiano da Educação Física escolar e as formas de (re)ação não-violentas**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada em Educação Física e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física

Florianópolis, 01 de Dezembro de 2020.

Prof. Dr. Carlos Luiz Cardoso

Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Edgard Matiello Júnior

Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Rogério Santos Pereira

Avaliador

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Ms. Paulo Ricardo do Canto Capela

Avaliador

Universidade Federal de Santa Catarina

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha mãe por me ensinar a sempre questionar, a não fechar os olhos para as injustiças e a me incentivar a alcançar os meus sonhos. Obrigada por ser minha primeira e maior referência de amor, cuidado e por me proporcionar tantos exemplos bons.

A minha avó que sempre me deu amor e é sinônimo de lar, sendo fundamental para concretizar essa trajetória na UFSC.

Ao meu companheiro Gabriel, por estar sempre disposto a ajudar e melhorar meus dias. Obrigada por ser meu melhor amigo e dividir a vida comigo.

Ao meu orientador Edgard, que se tornou amigo, e é minha inspiração e referência de professor e ser humano. Obrigada pela parceria, paciência e gentileza neste trabalho, mas principalmente, em momentos de escuridão, por sempre me lembrar de ascender à luz.

A minha eterna dupla Júlia, por sentar ao meu lado no primeiro dia de aula e não sair mais, sendo fonte de inspiração e orgulho, me ensinando todos os dias a ser melhor. Por topar todos os desafios, e tornar esse sonho possível, obrigada por tudo e tanto.

A minha filha Olga, por ter me apresentado a mais pura forma de amor.

Aos amigos Eduarda, Guilherme, Sanchez, Luiz Felipe e Yuri por todo o aprendizado, apoio e risadas durante a graduação. Aos demais amigos de graduação, PET, CAEF, e projeto Dança Brasileira Forró Pé de Serra, que contribuíram para minha formação humana e tornaram essa trajetória muito mais significativa.

Ao Movimento Estudantil da Educação Física, por mostrar que as respostas estão no coletivo, e oportunizar diversas formações e momentos felizes.

Aos professores que participaram desta pesquisa, agradeço por participarem respondendo às questões de forma tão rica e assim, tornaram este trabalho possível.

Por fim, agradeço aos professores que me marcaram e contribuíram para que eu chegasse aqui, despertando em mim o amor pela docência.

*"A árvore que não dá fruto  
É xingada de estéril.  
Quem examinou o solo?  
O galho que quebra  
É xingado de podre, mas  
Não haveria neve sobre ele?  
Do rio que tudo arrasta  
Se diz que é violento  
Ninguém diz violentas  
Às margens que o cerceiam."*

*Bertold Brecht*

## RESUMO

As violências fazem parte do cotidiano de diversas formas, e a comunidade escolar não está imune a essas manifestações. Nesta pesquisa o intuito é identificar se os professores de Educação Física, de uma escola da Rede Municipal de Florianópolis, SC, percebem essas formas plurais de violências e, uma vez percebidas, como elas se manifestam, e se as formas de lidar se encaixam nas técnicas, formas e meios de atuação da Não-Violência, apresentados no livro *O poder da não-violência*. Para coleta de dados foram utilizados questionários que continham trinta e quatro perguntas organizadas em quatro eixos. Os mesmos foram enviados e preenchidos no aplicativo da plataforma *Google*, o *Google Forms*. Os quatro professores que receberam os questionários responderam, e as respostas foram analisadas mediante categorização, usando o método Análise de Conteúdo. Nas respostas foi possível identificar que os professores percebem as violências de forma plural e que a abordagem da Não-Violência está presente em suas práticas pedagógicas, mesmo nos relatos dos dois professores que afirmaram não conhecer a abordagem. Por fim, conclui-se que os professores de Educação Física desta escola percebem a magnitude das violências e utilizam, mesmo que indiretamente, a abordagem da Não-Violência.

**Palavras-chave:** Educação Física; Educação Física escolar; Violências; Violências e Escola; Não-Violência.

## ABSTRACT

Violences are part of everyday life in several ways, and the school community is not immune to these manifestations. In this research, the aim is to identify IF Physical Education teachers, from a school in the Municipal Network of Florianópolis, SC, perceive these plural forms of violence and, once perceived, how they manifest themselves, as well as if the ways of dealing fit the techniques, forms and means of action of Non-Violence, presented in the book *The Power of Non-Violence*. For data collection, questionnaires containing thirty-four questions divided into four axes were used. They were sent and filled out on the Google platform application, Google Forms. The four teachers Who received the questionnaires answered, and the answers were analyzed through categorization, using the Content Analysis method. In the answers, it was possible to identify that teachers perceive violence in a plural way and that the Non-Violence approach is present in their pedagogical practices, even in the reports of the two teachers Who Said they did not know the approach. Finally, it is concluded that the Physical Education teachers of this school, perceive the magnitude of the violence and use, even if indirectly, the Non-Violence approach.

**Keywords:** Physical Education; School Physical Education; Violence; Violence and School; Non-violence.



## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>OMS</b>	Organização Mundial de Saúde
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>PPP</b>	Projeto Político Pedagógico
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina
<b>COMOSG</b>	Conselho dos Moradores do Saco Grande

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 Justificativa .....	13
1.2 Objetivos.....	14
<b>1.2.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>14</b>
<b>1. 2.2. Objetivos Específicos .....</b>	<b>14</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
2.1 Violências .....	15
2.2 Violências e a escola.....	17
2.3 Violências e Educação Física.....	18
2.4. Ação não-violenta.....	21
<b>3. O PODER DA NÃO VIOLÊNCIA.....</b>	<b>22</b>
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>29</b>
4.1 Caracterização da Pesquisa.....	29
4.2 Procedimentos de Coleta de Dados .....	30
4.3Análise de Dados .....	31
4.4 População e Amostra .....	32
4.5 Critérios de Inclusão e Exclusão .....	35
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>36</b>
5.1 Violências .....	36
5.2 Violências e Escola.....	41
5.3 Violências e a Educação Física.....	44
<b>6. CONCLUSÃO .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERENCIAS .....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO... 51</b>	
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOBRE AS VIOLÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As violências são um problema social (MINAYO, 2014). Esse problema, para Riofitis(1997), está em constante construção e o que nos permite percebê-las muitas vezes é a memória das próprias violências sofridas. Em contrapartida, esse mesmo processo pode contribuir para a naturalização das mesmas

O entendimento sobre esse fenômeno foi ampliado permitindo que suas manifestações sejam identificadas nas mais variadas relações presentes no cotidiano, inclusive aquelas que foram naturalizadas e por isso são reproduzidas até de forma inconsciente. Para Zaluar (2002) as violências estão presentes em todas as culturas e na construção dos laços sociais, mesmo que de forma limitada ou controlada

Uma das definições acerca do tema que expõe a pluralidade do termo provém da Organização Mundial de Saúde (2002), caracterizando a violência como o uso da força física ou poder, em forma de ameaça ou na sua prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte ou dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. Sendo assim, se tornam um problema de saúde uma vez que afetam diretamente as condições de vida dos sujeitos, contemplando a concepção ampliada de saúde. As violências seriam um objeto intersetorial (MINAYO, 2004)

Portanto, é viável enxergar essas violências presentes em nosso cotidiano de formas diversas que não se limitam às agressões físicas e verbais, pois o ato da coesão, com/ou sem abuso de poder (sendo ele institucional ou intrafamiliar) também são exemplos de violências, tais como a falta de saneamento nos bairros, de saúde e de espaços de lazer, ou dentro da escola a partir do comportamento de um funcionário com a finalidade de punir.

De fato, no cotidiano escolar, podemos observar a reprodução desses determinantes nas relações que as crianças e jovens estabelecem entre si, com os profissionais da escola e com o próprio espaço físico da mesma. Assim, observando as violências, não vemos uma ou outra como um fator isolado, mas sim como um fenômeno multicausal e plural (MINAYO, 2014).

Para verificarmos a magnitude das violências analisamos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pesquisas referentes ao assunto. Na versão mais atual (BRASIL, 2015) é possível encontrar estatísticas que contemplam escolas públicas e privadas, em que 21% da evasão escolar são motivadas pelas violências, sendo 11,5%, pela insegurança no trajeto casa-escola-casa, e 9,5% por não haver sensação de segurança na própria escola. Foi indicado haver, por parte das escolas públicas, diferença significativa na incidência de violência, exceto no envolvimento com brigas, não havendo diferença significativa. Em relação às agressões físicas, 23,4% de escolares afirmaram que, ao menos uma vez, eles se envolveram em brigas, dado este que pode ser considerado alarmante, pois refere-se às brigas com armas de fogo nas escolas públicas (8,4%) e privadas (5,3%).

Já na tentativa de encontrar tais dados no contexto de Florianópolis, observamos muitas lacunas de informação e conhecimento, sendo que a menção mais específica sobre violências está relacionada à agressão por um adulto da família contra crianças, retratando-se a região Sul do país com o menor percentual (neste caso, com elevados índices de 12,9%!).

Considerando-se a insuficiência de dados objetivos sobre as violências nas escolas, sobretudo em relação ao município de Florianópolis, buscamos aproveitar – como entrada em campo - a oportunidade oferecida durante a disciplina DEF 5892 -Estágio Supervisionado em Educação Física (Centro de Desportos, UFSC), e o vínculo atual do Programa de Educação Tutorial Educação Física (UFSC) para conhecer a Escola Básica Municipal Donícia Maria da Costa e o contexto em que está inserida, bem como as violências ali presentes.

A escola situa-se no bairro Saco Grande, no norte da Ilha de Florianópolis, e em seu entorno é possível observar que ali coexistem instituições públicas e privadas que contrastam com a precariedade estrutural do Conjunto Habitacional Vila Cachoeira, que segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola (Projeto Político Pedagógico Escola Básica Municipal Donícia Maria da Costa, 2019), é o local em que sessenta por cento dos escolares moram. Nas proximidades há também o Morro do Caju, em que a última casa numerada de sua principal via é a 68, que de acordo com o ex-

Diretor<sup>1</sup> da Escola faz com que muitos estudantes apresentem o mesmo endereço em seus registros escolares.

De acordo com o ex-Diretor (gestão encerrada em 2019), por muito tempo, a Escola foi taxada de “escola de favelados” e possuía a fama de violenta por causa das brigas (entre os estudantes e entre eles e os trabalhadores da escola), contando inclusive com momentos em que traficantes do entorno se dirigiam à essa instituição de ensino para roubar a arma de vigilantes.

Segundo a atual Diretora, desde que sua Equipe assumiu, algumas medidas têm sido tomadas para que a relação da Escola com as crianças seja de segurança, e não de medo, buscando-se envolver a comunidade que está no entorno e adotando-se, por exemplo, visitas em que os professores, em conjunto com a direção, fazem no início de ano letivo nas comunidades, criando-se uma nova imagem e fama da própria Escola junto à comunidade.

Neste contexto em que a Escola – considerando-se aqui a direção, professores, quadro técnico e, sobretudo as crianças – está envolvida com as violências estruturais e cotidianas, aquelas as quais estão enraizadas nas relações humanas. Buscamos formular um problema de investigação que nos colocasse no sentido de melhor compreendermos quais os impactos que as violências causam no âmbito escolar, bem como as formas de tratamento adotadas pela própria Instituição.

Dentre as diversas formas de (re)ação às violências, por tratarmos do contexto escolar, escolhemos nos dedicar a compreender as concepções das chamadas ações não-violentas, tomando-se como referência um livro-texto que trata especificamente sobre o assunto, compilando importantes capítulos acerca do tema (CLARET, 1996). Em síntese, esta obra aborda métodos que se baseiam na resistência sem uso da violência física. Segundo Sharp (1973), as ações não-violentas não se confundem com a inércia, pois os sujeitos que adotam essa forma de resistência se mobilizam para ação de rejeição à submissão e passividade. A ação não-violenta não deve ser confundida com a negociação verbal. A negociação é a tentativa de convencer a outra parte de forma verbal, a qual deixa margem para se abrir mão dos objetivos iniciais, pois

---

<sup>1</sup>Prof.Ms. Marcos Cordeiro Bueno, Professor de Educação Física da Escola, formado no Curso de Licenciatura em EF do CDS/UFSC.

em uma negociação busca-se contemplar ambas as partes. Pelo contrário, na ação não-violenta não se abdica dos objetivos e causas, caracterizando-se como uma resposta ativa que “consiste em atividade social, econômica e política de tipos especiais” (SHARP, 1973, p.12).

Contudo, apesar de as violências serem de muitas formas inerentes à condição humana, é preciso também reconhecer que apesar de elas estarem presentes nas unidades escolares, por vezes faltam elementos teóricos para professores a identificarem como algo prejudicial aos processos de formação humana, naturalizando as suas presenças. Então, é preciso instigar olhares que problematizem e assim evidenciem suas presenças, para que, de alguma forma, ocorram reações educacionais sistematizadas para superá-las.

Assim, dados estes elementos introdutórios, o **problema de pesquisa** é formulado da seguinte forma: quais são as percepções e as formas não-violentas de (re)ação da Educação Física escolar às violências estruturais e cotidianas que afetam a vida de seus escolares?

### 1.1 Justificativa

Desde tempos imemoriais existe uma preocupação do ser humano em entender a essência do fenômeno da violência, sua natureza, suas origens e meios apropriados, a fim de atenuá-la, preveni-la e eliminá-la da convivência social (MINAYO, 1994, p.7).

Em nossas pesquisas acerca do tema no contexto de Florianópolis, não foram encontrados estudos suficientes que tratem das violências no cotidiano escolar dialogando com as violências presentes para além da sala de aula, bem como a forma com que essa relação afeta a percepção e (re)ação dos/as professores/as. Partindo do princípio que “a violência não é um fenômeno abstrato: ela é concreta e ocorre em cada estado e em cada município de forma específica” (MINAYO, 2014, p. 41) sentimos a necessidade de investigar e aprofundar os estudos acerca desse fenômeno.

Assumimos como pressuposto que as violências são fatos do cotidiano e que tanto os trabalhadores da escola, quanto os alunos e família, já adentram a escola violentados e, sendo assim, tornam-se suscetíveis à reprodução das mesmas no âmbito escolar afetando fortemente a própria saúde, limitando o

trabalho e prejudicando o aprendizado do educando, assim como o processo de formação do mesmo para além dos conteúdos escolares e sua emancipação.

Sendo assim, este trabalho tem relevância acadêmica e social na medida em que busca elucidar sobre um tema e as possíveis formas de tratá-lo mediante ferramentas dispostas pela Educação Física, que é uma área ampla e que permite, perante suas abordagens, abarcar um tema complexo e de tanta relevância, uma vez que afeta a vida no contexto escolar e na realidade social em que vivem as crianças e trabalham os educadores.

Como decorrência da investigação, considera-se que este tema possa contribuir para que a comunidade escolar consiga romper com a reprodução das violências, potencializando a qualidade de trabalho e ensino no cotidiano escolar, na tentativa de promover um ambiente menos agressivo e insalubre.

## 1.2 Objetivos

### 1.2.1 Objetivo Geral

Verificar se os professores de Educação Física percebem as violências estruturais e as ocorridas no cotidiano escolar, bem como se adotam formas de ações não-violentas em suas ações educacionais.

### 1. 2.2. Objetivos Específicos

- Identificar se os/as professores/as de Educação Física percebem as violências presentes na comunidade e no cotidiano escolar.
- Agrupar e classificar as respostas dos professores a fim de relacionar com a literatura
- Verificar se as ações não-violentas são adotadas pelos professores de Educação Física em suas práticas educacionais.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa conta com quatro categorias principais, sendo elas: Violências, Violências na Escola, Violências na Educação Física e Ação Não-Violenta. Dentre os diversos estudos encontrados na plataforma de busca Google Acadêmico, poucos foram considerados relevantes para este estudo. Analisando as pesquisas acerca do tema, foram estabelecidos critérios, conforme segue:

- I. Apresentar as violências de forma plural e complexa.
- II. Levar em consideração a percepção dos docentes da área da Educação Física escolar sobre o tema.
- III. Tratar da Não-Violência, ainda que indiretamente, na prática pedagógica.

Dentre as pesquisas encontradas, duas dissertações de mestrado devem ser ressaltadas, uma vez que consideram o sentido atribuído pelos docentes às violências ocorridas no âmbito escolar, bem como prática pedagógica realizada diante desse fenômeno. Uma foi realizada no contexto da Rede Municipal de Florianópolis, SC, e a outra no contexto de uma escola estadual de Goiânia, GO, que embora tenham sido produzidas em diferentes unidades federativas, mantém algumas semelhanças.

### 2.1 Violências

As violências não são consideradas como um problema de cunho clínico na área da saúde, sendo reconhecidas como um problema social e abordadas como resultantes das relações que perpassam toda a história da humanidade. Dentre as produções científicas encontradas acerca das violências, destacamos como uma das pesquisadoras brasileiras de expressão Maria Cecília de Souza Minayo, que desde os anos noventa (1990) contribui para a compreensão e superação do tema em uma perspectiva de saúde ampliada.

Para Minayo (2014) as violências se manifestam em quatro modalidades, são elas: física, psicológica, sexual e envolvendo negligência, abandono ou privação de cuidado. Mesmo sem o cunho clínico, em suas modalidades de expressão, as violências afetam a saúde das pessoas e podem se relacionar diretamente com a condição clínica, conforme descrito a seguir:



- i) ela provoca morte, lesões e traumas físicos e um sem-número de agravos mentais, emocionais e espirituais;
- ii) diminui a qualidade de vida das pessoas e das coletividades;
- iii) mostra a inadequação da organização tradicional dos serviços de saúde;
- iv) coloca novos problemas para o atendimento médico; e
- v) evidencia a necessidade de uma atuação muito mais específica, interdisciplinar, multiprofissional, intersetorial e engajada do setor, visando as necessidades dos cidadãos (MINAYO, 2014, p. 22).

As violências tornaram-se um indicador contrário de qualidade de vida e são entendidas como ferramentas diversificadas de conservação das desigualdades sociais, compondo a violência classificada como estrutural. A violência estrutural pode ser identificada em estruturas institucionalizadas se relacionando com a classificação institucional, uma vez que essa é identificada nas formas de ofertar, negar ou negligenciar os serviços públicos por intermédio do seu próprio regulamento (MINAYO 2014).

Portanto, com base na leitura prévia do PPP da Escola, ao contextualizar o entorno da mesma, é possível perceber que o bairro de estudo e moradia de sessenta por cento dos escolares, bem como local de moradia e trabalho dos profissionais da Escola, está violentado por todas as modalidades supracitadas, corroborando com Zorba (2003), quando a autora afirma que a remoção causada pelo projeto Bom Abrigo se caracteriza como um processo violento contribuindo para a marginalização e o rompimento de laços sociais dos moradores.

Compreendendo que as violências são plurais e multicausais, para prevenir esse problema, é necessário inteirar-se das pautas que contribuem para formação e sustentação da sociedade, assim como sua ordem, em que estamos inseridos. Essas pautas são organizadas por Matiello Júnior (2002) a partir da análise do ensaio “É possível prevenir a violência?”, das autoras Minayo e Souza (1999), em quatro pontos. São eles: macroestruturais (extrema desigualdade), conjunturais (crescimento do crime organizado), cultural, interpessoal e privado (taxas de violências de grupos específicos) e institucional (discriminação e maus tratos provenientes de diferentes setores do Estado).

Uma vez que o problema cresce em suas instâncias e se torna visível para mais setores da sociedade, inicia-se o trabalho de tornar uma ou mais

áreas responsáveis para pensar e superar o problema, portanto surgem medidas do Conselho de Secretários Municipais da Saúde para sensibilizar a população e, portanto, solucionar as violências.

Foram estabelecidos quatro pontos centrais, dos quais vale ressaltar o que diz respeito a crianças e adolescentes, em que se atribui a importância dos diversos profissionais que os formam e/ou cuidam estarem sensibilizados e preparados.

## 2.2 Violências e a escola

Dentre as instituições possíveis de abordar esse tema, temos a escola, que está sujeita a reproduções, uma vez que está inserida em nossa sociedade e possui, assim como as outras, mediante sua função social, a possibilidade de consolidar ou romper com as violências. Para Njaine e Minayo (2003) apud Cardia (1997, p. 124):

a violência vivida e testemunhada fora da escola tem impacto direto e indireto sobre a vida escolar: Afeta o desempenho dos estudantes, as relações entre os alunos e dos alunos com os professores e contribui para ampliar a violência social.

Quando a violência escolar é estudada, é relevante trazer os três níveis de manifestação das mesmas que Charlot (2002) nos apresenta. São eles: da escola, na escola e à escola.

A primeira é a que mais se relaciona com os termos supracitados, pois são as violências geradas pelos próprios serviços ou a falta deles, sua forma de organização, suas regras e normas muitas vezes mais voltadas para punir do que ter uma relação dialógica com a comunidade escolar. A violência na escola, para Charlot (2002), seria qualquer manifestação de violência que poderia ocorrer em outro local, pois suas motivações não seriam geradas por sua forma de organização e regulamento. A violência à escola se relaciona mais diretamente com a da escola, pois é entendida por Charlot (2002) como uma resposta à forma de organização da escola e tratamento da mesma com os escolares que a frequentam.

A violência contra a escola está relacionada com a natureza e as atividades da instituição escolar e toma a forma de agressões ao patrimônio e às autoridades da escola (professores, diretores e demais funcionários). Essa

modalidade de violência decorre de ressentimentos de certos jovens e de certas famílias contra a escola e seu funcionamento [...] a qual se manifesta por meio do modo como a escola se organiza, funciona e trata os alunos (modo de composição das classes, de atribuição de notas, tratamento desdenhoso ou desrespeitoso por parte dos adultos, entre outras coisas) (ABRAMOVAY, 2006, p. 76-77).

Nas escolas, é comum encontrar ações punitivas para qualquer comportamento que se opõe às regras e sua organização. E entre esses comportamentos temos as violências, que não são solucionadas com a punição e nos levam novamente à relação das violências da escola e à escola.

Ainda que essas diferentes formas de identificação das violências no âmbito escolar nos auxiliem a compreendê-las, elas não contemplam todas as manifestações do fenômeno no cotidiano escolar. Entende-se que existe a necessidade de desconstruir a conexão dessas manifestações para além de ocorrerem na escola, como se o ambiente escolar não tivesse nenhuma interferência no ocorrido e sim ser apenas o local sorteado para sediar o episódio, como traz Charlot (2002) em sua classificação.

### 2.3 Violências e Educação Física

A partir da classificação de Charlot (2002) temos a escola como um campo no qual as violências se apresentam independentemente da Educação Física escolar, por ocorrer na maioria das vezes nas quadras e/ou em outros espaços abertos da escola (nos quais os escolares possuem mais possibilidades de movimento e deslocamento), a disciplina que pode se tornar um espaço propício para as violências motivadas por causas externas à escola. A discussão quando se relaciona a Educação Física e as violências, mesmo quando esta se relaciona com causas externas à escola, limita-se às manifestações físicas e criminais em vez da complexidade do fenômeno em si, como afirma Guimarães (2012, p. 27):

A escola, como sabemos, faz parte da sociedade e nela também é reproduzida cotidianamente situações de desigualdades sociais, exclusão e, por consequência, a violência. Nela apresentam-se histórias de porte ilegal de armas; tráfico de armas; tráfico de drogas; assaltos; furtos; agressões a professores; entre outros.

A autora contextualiza a violência como um problema social, porém se limita a questões de agressividade. Os estudos que relacionam as violências com a Educação Física Escolar não são diferentes, pois se limitam às agressões físicas, atribuindo a mesma como consequência de certas modalidades, como por exemplo, o futebol, ou o *bullying* motivado pela comparação de corpos e habilidades dos atletas profissionais. Esse *bullying* não é exclusivo da relação educando-educando, ele pode aparecer na relação professor-aluno com a roupagem de motivação ou mesmo com a exclusão dos escolares “não-aptos” para determinada prática.

Por sua vez, na EF, o destaque dado às violências se dá a partir e se restringe bastante ao contexto esportivo. Nessa direção, são desenvolvidos, dentre outros, estudo sobre: a agressividade de jogadores ser inata, própria da espécie humana ou adquirida na cultura esportiva; possibilidades de certas modalidades (coletivas; de contato) serem mais predisponentes às agressões entre atletas adversários, bem como atrair torcedores mais violentos (MATIELLOJÚNIOR; 2002).

Apesar de os estudos encontrados apontarem as agressões - dentre elas o *bullying* que se apresenta nesse espaço -, outra limitação recorrente é vender a Educação Física escolar no outro extremo. É vendida de forma contraditória, pois ao mesmo tempo é o espaço que pela competitividade e “liberdade” gera-se violências, e por preencher o tempo dos jovens passa a ser a solução para as mesmas. Ainda que existam críticas a essa modelo meritocrático e os valores que reforçam a solução individual para os problemas coletivos e de alienação do esporte, vale ressaltar que essas especificidades da área não são uma solução, porém não devem ser desmerecidas, pois contribuem para o processo de prevenção das violências, nos permitindo romper com algumas de suas reproduções. Para a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, a Educação Física escolar possui o seguinte papel:

[...] a Educação Física, na condição de Componente Curricular, vai se ocupar de sistematizar e reelaborar criticamente aquilo que vem sendo, na história da humanidade, um campo de expressões culturais e que tem sido denominado, de forma genérica, na literatura científica da área pedagógica da Educação Física (Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, 2016, p. 130).

A Educação Física escolar conta com abordagens que surgem a partir dos anos 80 e que caminham ao encontro dessa atribuição, portanto nos permite contribuir para a prevenção das violências uma vez que possuem a finalidade de conscientizar e formar para a emancipação humana trabalhando as relações de poder, ressignificando o movimento humano, desmitificando imagens e símbolos da ideologia dominante que coloca as atitudes individuais como solução para os problemas coletivos e a naturalização das relações autoritárias entre professor (e os demais adultos) e a criança, entre outras valências através das seis unidades temáticas apresentadas pela Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis abordadas pela Educação Física escolar, sendo elas: brincadeiras, jogos, danças, lutas, esportes, ginásticas, práticas corporais de aventura urbana e na natureza e práticas corporais introspectivas.

Nesse contexto, a mediação pedagógica interdisciplinar incluiria também as marcas que se inscrevem sobre os corpos e as trajetórias formativas de crianças, adolescentes, adultos e idosos, como a fome, a pobreza, a violência, o abandono, as drogas, os castigos, as ameaças, as premiações, os preconceitos, as práticas de exclusão, os ideais de beleza, os princípios da competição, do rendimento, a indiferença a dor e ao sofrimento e toda a sorte de sacrifícios que a civilização exige de seus indivíduos (Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, 2016, p.137)

Mediante essas temáticas em conjunto com as abordagens e os princípios da não-violência é possível aproveitar o espaço da Educação Física escolar para conscientizar de forma significativa a criança sobre as diversas formas de violências a que estamos expostos, bem como a importância da organização para não reproduzir e atingir a superação desse fenômeno, pois:

O movimento [...] neste contexto, é também expressão da relação dialética, mutuamente determinante, entre cultura e natureza que marca o humano, de modo que sua compreensão não se limita – embora também não possa delas prescindir – a suas dimensões anátomo fisiológicas (ação resultante de processos físico-químicos realizados pelos sistemas nervoso e músculo esquelético) e física (deslocamento no tempo e no espaço). O movimento pressupõe intencionalidade daquele que se movimenta, a qual é decorrência e expressão de sentidos e significados histórica e socialmente produzidos, tanto individual quanto coletivamente (Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, 2016, p.145).

#### 2.4. Ação não-violenta

Segundo Minayo (2014), uma das dificuldades de romper com as violências está ligada à inexperiência das pessoas para superarem os conflitos com ações pacíficas, entendendo que a escola seria um bom lugar para proporcionar essa experiência não-violenta em suas normas, organização e nas relações com a comunidade escolar.

Para Santos (2016, p. 9), a Não-Violência é uma nova forma de configurar a escola, criando uma cultura de paz que vem se apresentando como potencial redutor da violência neste meio”.

A violência impressiona à primeira vista, porque pode corresponder a uma busca corajosa da justiça. Mas achamos que, com o tempo, fatos demonstram que a palavra dos violentos não apresenta todo o resultado esperado (FRAGOSO, 1977, p. 137).

Para Claret (1996), autor do livro O Poder da Não-Violência, essa técnica é muito antiga. Em seu livro, traz recortes de outros livros que contam diversos momentos da história em que as pessoas optaram por não reproduzir as violências que receberam.

Segundo Fragoso (1977), possuir uma vitória violenta é uma vitória parcial, visto que suas ações se igualam a do opressor. Nesse mesmo capítulo o autor apresenta um ponto que nos permite refletir sobre a prática dos professores perante as violências, pois ele afirma que a pior violência que pode ser cometida é a omissão, situação infelizmente comum, por diversos motivos, nas escolas. Existe uma constante transferência de responsabilidade que resulta na omissão. Ele alega que em situações em que a pessoa só possui a opção de ser violenta ou dese omitir, é preferível que seja violenta. A omissão, segundo ele, causa muito mais danos.

Outro ponto discutido pelo livro, e que foi observado pela leitura prévia do PPP da Escola Domícia - sua relação com o Conselho Comunitário do Saco Grande (COMOSG) -, é a articulação entre a escola e os centros comunitários, visto que é uma das formas de se garantir formação ampla e organização para reivindicar o conjunto de direitos existentes na Constituição Federal brasileira, e que garante o direito à vida, tendo a dignidade humana como fator essencial e que se sobrepõe a qualquer situação. Inclusive ressalta que mesmo pessoas

em processo de reclusão não podem ter sua dignidade humana ferida, e que se isso ocorre é inconstitucional. Em síntese, o autor do livro (FRAGOSO, 1977) reconhece que nem sempre a população tem acesso aos seus direitos.

Portanto, entende-se que a ação não-violenta, que para Sharp (1973) é um método de intervenção pacífico que pode ser utilizado em qualquer contexto que exista uma relação violenta, pode ser uma estratégia adequada, pois se constitui de uma reação que se opõe às violências e suas modalidades de formas pacíficas. Uma semelhança presente em todos os momentos históricos relatados no livro é a existência de um coletivo organizado, sendo essa organização um dos princípios para se alcançar a forma não-violenta, para atos, ocupações e greves. Ao pensar no contexto escolar, a postura de um coletivo-organizado é tão importante quanto em qualquer outro espaço tendo como objetivo atingir a não-violência, ainda que para alcançá-la se faça necessário o trabalho conjunto.

### **3. O PODER DA NÃO-VIOLÊNCIA**

Este capítulo possui a finalidade de apresentar o livro organizado por Martin Claret que reúne capítulos de diversos livros que abordam a não-violência como ação política em momentos diferentes da história.

Martin Claret é um jornalista gaúcho que fundou em São Paulo a editora de mesmo nome. No início publicavam apenas as obras do filósofo educador Huberto Rohden, e posteriormente lançou livros de bolso fazendo compilados de livros com preços acessíveis.

Nos compilados encontramos os autores Gene Sharp, com o livro *Poder, Luta e Defesa*; Antônio Fragoso no livro *A Firmeza Permanente*, o qual possui vários autores, mas apenas as contribuições de Fragoso foram acrescentadas; LaoTse com o livro *Tao Te King*; Martin Luther King com *O Grito da Consciência* Mahatma Gandhi com *Minha Vida e Minhas Experiências com a Verdade*; D. Paulo Evaristo Arns com *Em Defesa dos Direitos Humanos* e Dalmo de Abreu Dallari em *O Que São Direitos das Pessoas*.

Os recortes dessas grandes obras em formato de capítulos constituem o livro *O Poder da Não-Violência*. São oito capítulos, sendo o último uma breve divulgação dos livros utilizados.

O livro inicia com uma introdução feita por Claret com a finalidade de definir o poder. Para Claret, o poder é uma das mais legítimas emoções humanas, e que nesta nova era da informação, o poder é o divisor de águas de uma nova classe dividida entre aqueles com o poder da informação e quem age na ignorância. Para ser usado de forma plena e efetiva, o poder não pode estar a serviço do ego, do próprio conforto ou da exclusão do próximo. O poder deve ser a serviço da vida tendo a finalidade de compreender e resolver as necessidades humanas, visando à transformação.

Claret se baseia em Michael Korda para afirmar que o poder é a energia e seu único limite é acreditar. É o uso do poder, ultrapassando esse limite, que nos mantém humanos em um sistema socioeconômico que sobrevive na medida a qual nos torna desumanos.

Para concluir sua introdução ressalta a importância do poder destinado aos livros de desenvolver o potencial humano.

No capítulo um, Gene Sharp apresenta a ação não-violenta como uma técnica ativa de luta, sendo seu ponto de vista básico o poder da cooperação humana para desestruturar a ordem estabelecida caracterizando como uma ação que independente do conflito, seja uma sala de aula ou um país inteiro, nega a inércia e a passividade, pois não busca evitar o conflito. Para Sharp, a tentativa de fingir que o conflito não existe é tão violenta quanto qualquer outro ato reconhecido como violência.

A negociação também não deve ser atribuída a essa técnica, pois, ao negociar, ambas as partes devem ceder em algo indo de encontro com a ideia de transformação. Sharp ressalta que é comum o equívoco de atribuir à não-violência qualquer coisa considerada “boa” ou menos “danosa” e a violência qualquer coisa que “desagrada”.

Dessa forma, o conceito de violências, bem como a técnica de Não-Violência, sofre interpretações errôneas uma vez que os processos de naturalização de algumas manifestações de violências promovidos por conta de como a nossa sociedade se estrutura e através de interesses de uma ideologia dominante quer manter a ordem estabelecida, impedem que as pessoas percebam as mesmas ou reconheçam referências passadas de conflitos que atingiram a vitória através dessa técnica.



Portanto, a não-violência busca resolver os conflitos sem perder o princípio de valorização da vida e desenvolvimento do potencial humano. Ela é a técnica efetiva para alcançar o poder da transformação, pois não afasta o outro, mas acolhe e educa.

Sharp atribui à técnica três formas de atuar, são elas a *omissão*, *comissão* e a *combinação* de ambos. A *omissão não* é no sentido de fechar os olhos para o conflito, mas de negar-se a agir nos princípios da ordem estabelecida, não reproduzindo as violências naturalizadas e permitidas nas regras. Ao pensar no âmbito escolar essa *omissão* seria não resolver os conflitos de forma meramente punitiva como a exclusão do recreio, da aula, ou mesmo o grito para alcançar a atenção de uma turma.

A *comissão* é executar uma ação que não está prevista nas regras. É possível entender a *comissão* no âmbito escolar quando existe a troca do grito por atenção por dinâmicas diferentes para retomar a concentração da turma, ou mesmo atividades que abordam o conflito sem exposição e exclusão dos escolares, sem visar a culpabilização.

Na *combinação* de ambos, nega-se a reprodução de resoluções violentas, bem como promove formas que não estão previstas nas regras para a resolução dos conflitos.

Dentro desta técnica, o autor ainda atribui três classes de métodos para as pessoas que atuam nessa estratégia. O primeiro seria quando se utiliza de ações simbólicas para educar e transformar, indo ao encontro da *comissão*; o segundo vai ao encontro da *omissão*, pois está ligado à não-cooperação, ao se retirar, ao se negar a executar da forma esperada; o terceiro é a intervenção direta a qual a pessoa toma a iniciativa de agir utilizando um ou ambos dos métodos anteriores.

A técnica não-violenta é um mecanismo de mudança e que pode gerar, segundo Sharp, três amplas formas, são elas: a *conversão*, a *acomodação* e a *coerção não-violenta*.

Na *conversão*, a transformação ocorre, e a pessoa passa a compreender o conflito e sua resolução por um novo ponto de vista. Na *acomodação*, a pessoa cede a atuar no novo ponto de vista sem que a transformação tenha ocorrido, ou seja, ela ainda possui o mesmo entendimento sobre o conflito e sua resolução, porém aceita agir no novo ponto de vista apresentado. Na

*coerção não violenta*, o sujeito não está convencido do novo ponto de vista, porém aquele que tenta apresentar uma nova forma de agir exerce uma pressão maior que nas formas anteriores.

É com essas formas e métodos de ação que a não-violência, mesmo que, segundo Sharp, nunca ter seu grau de mudança devidamente avaliado, possui poder de transformação humana daquele que decide atuar com ela, bem como as pessoas que por ela serão esclarecidas e preparadas para conflitos futuros.

No segundo capítulo Fragozo evidencia que vencer um conflito utilizando a violência só proporciona uma vitória parcial, uma vez que a pessoa que age na violência se contamina com a mesma.

Ressalta que para conseguir atuar na Não-Violência, o princípio de valorização da vida do próximo precisa estar claro, lembrando que somos pessoas, e pessoas podem ser instruídas a um novo ponto de vista.

É necessário ser paciente para explicar e elucidar as pessoas sobre essa nova forma de compreender e resolver os conflitos para que exista a transformação. Fragozo reconhece a dificuldade de romper a reprodução das violências, pois elas são inerentes à condição humana. Pois estamos inseridos em um sistema que esgota recursos naturais, que promove e se sustenta nas desigualdades sociais e precarização da vida.

Em suas reflexões, estabelece três meios essenciais para alcançar a não-violência, são eles o *contato*, a *não-cooperação* e a *desobediência civil*.

O *contato* seria o diálogo com a finalidade de elucidar o que são as violências e como reconhecer as mesmas. Neste ponto é possível relacionar com as abordagens da Educação Física que visam à emancipação e transformação do sujeito, as quais tratam das relações de poder presentes na nossa sociedade e permitem que o sujeito se perceba no mundo, bem como suas possibilidades de se expressar nele.

A *não-cooperação* vai ao encontro de não reproduzir as violências que contribuem para a ordem estabelecida e promovem e perpetuam a exclusão, afastando as pessoas da transformação humana. Na *desobediência civil* existe resistência às regras e leis que permitem e contribuem para a exploração do homem pelo homem.

Por fim, Fragoso atribui à não-violência o amor autêntico, pois com ela acredita-se na mudança, na transformação humana efetiva, pois “quer salvar o homem, mesmo o injusto” sem aceitar e fomentar os rótulos e preconceitos atribuídos às pessoas que atuam com violência mesmo sem perceber.

No capítulo três, trechos do livro *Tao Te King* são recortados e explicados por Claret. Os trechos que possuem metáforas filosóficas sobre a importância do poder de não sucumbir ao ego para atingir a transformação.

É necessário reconhecer que somos todos irmãos e que o poder pleno é de acreditar no próximo e em sua transformação sem oprimir e humilhar, utilizando do poder da sabedoria para distinguir o que está a serviço da vida e o que está a serviço do ego e assim ter nos princípios básicos a técnica da não violência para alcançar as mudanças desejadas.

O capítulo quatro apresenta os relatos de Martin Luther King sobre o movimento negro nos Estados Unidos nos anos sessenta que utilizaram da técnica da não violência.

Em seus relatos afirma que as pessoas que faziam parte do movimento não necessariamente eram pacifistas ou escolheriam essa técnica como primeira opção, o que segundo Sharp, colocaria esses manifestantes no processo de *acomodação* ou até de *coerção não violenta*, pois era comum ter que recolher armas brancas dos manifestantes antes de iniciar as marchas e protestos para que não caíssem nas provocações feitas pelas forças militares e opositores às suas reivindicações.

Dentro de seu relato traz a importância do poder do conhecimento, que é comentado também por Claret na introdução do livro. Este poder é necessário para reconhecer as injustiças, bem como os direitos e possibilidades de mudança e a partir disso se organizar para alcançar as transformações almejadas.

Outro ponto importante levantado neste capítulo é como a sacralidade da vida e da propriedade em nossa sociedade se assemelham. Em protestos que não houve violência contra pessoas, além das praticadas pelas forças militares destinadas a conter as marchas e protestos, foram classificadas como violentas, por conta dos saques ocorridos.

O autor reconhece que a propriedade deve ser respeitada, mas explica que a escolha dos manifestantes de saquear propriedades existe justamente

pela supervalorização da mesma. Atacar uma propriedade em nosso sistema é atacar a estrutura do poder branco, e ressalta que após os ataques as mercadorias logo eram devolvidas, pois o intuito era apenas mostrar o poder de atingir essa representação de outro poder, sendo este um poder opressor.

Mesmo frisando a importância do respeito com a propriedade, King defende que não se pode colocar propriedade e vida humana na mesma categoria e que essa forma de pensar contribui para que a valorização da vida não seja o foco das ações e reações nos conflitos.

Este capítulo reforça o poder da informação e a importância do poder a serviço da vida para utilizar a técnica da não-violência, e neste contexto se apresenta na luta por mudanças sociais e busca a transformação humana dos próprios companheiros.

O capítulo cinco conta com os relatos de Mahatma Gandhi com o seu compromisso com a verdade. O poder de atuar com verdade é apresentado por Gandhi como uma forma de utilizar a técnica não-violenta em sua plenitude.

Para Gandhi, uma forma de manter seu compromisso e não sucumbir ao poder a serviço do ego é o poder de abster-se. Uma vez livre das “amarras dominantes” é possível viver com o que é realmente necessário a serviço da vida.

Gandhi frisa, assim como Fragoso no capítulo dois, que o seu amor pelo povo é o poder e energia para agir em compromisso com a verdade. Esse amor permite atuar utilizando a não-violência, pois em suas escolhas não se contamina com as diversas manifestações, do macro ao micro, das violências, lembrando sempre que o algoz também é gente, acreditando em seu potencial de desenvolvimento humano para a transformação.

O capítulo seis possui o formato de entrevista com Dom Paulo Evaristo Arns, essa entrevista foi realizada durante a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), abordando os direitos humanos. As perguntas dentro deste tema tocam em pontos até hoje não foram superados em nosso país, tais como a prostituição, os menores abandonados e em situação de rua, a migração na promessa de melhores condições de vida, os presos políticos da época e torturas por eles sofridas.

Para Arns, esses problemas são consequências diretas do desrespeito aos direitos humanos, assim como da falta de dignidade humana. Esses

desrespeitos ocorrem, segundo Arns, pelo interesse de promover e perpetuar as desigualdades sociais no país.

Quando o Estado transfere a responsabilidade sobre a dignidade humana de sua população para um âmbito individual de seus estilos de vida, esses problemas surgem. Ao assumir como solução mudanças individuais e ações apenas assistencialistas, o problema se perpetua. Para Arns, ações assistencialistas não devem ser ignoradas, pois podem contribuir para a tomada de consciência e mudança da realidade, porém quando possuem fim nelas mesmas, contribuem para a perpetuação do problema.

Ao comentar sobre a situação do menor, Arns afirma que esta só se torna uma preocupação da sociedade quando o menor assalta ou agride, atribuindo-se a ele o rótulo de violento e que a violência em que está inserido ao ter seus direitos básicos negligenciados é ignorada.

Arns defende que um passo crucial para mudar a situação dos menores é o preparo dos adultos para enxergarem as raízes dos problemas, que para ele são as desigualdades sociais, ou seja, o poder da informação sobre elas, e assim avançar para o poder da mudança.

Neste capítulo é possível observar uma relação mais direta entre as desigualdades sociais e as violências do cotidiano, que em graus diferentes violentam ao ferir a dignidade humana da população a fim de manter uma ordem excludente.

No capítulo sete Dalmo de Abreu Dallari expõe as contradições entre o que temos de direitos na Constituição brasileira e o que ocorre na realidade. Ele cita os direitos à vida; liberdade; segurança e propriedade. Dentro do direito a liberdade inclui o direito ao trabalho e de greve. A greve é uma das ferramentas da não-violência, que pode ser classificada como *omissão* ou de *combinação* da *omissão* com *comissão*, e no contexto das lutas sociais é uma das ferramentas frequentes para aplicar a técnica da não-violência.

Dallari, ao citar brevemente os direitos, deixa clara a importância do poder da informação, uma vez que muitos dos direitos previstos na Constituição não são conhecidos pela população que sofre a negligência do Estado perante os mesmos. Sem conhecer os seus direitos, acabam por naturalizar as violências institucionais sofridas e não se organizam para exigir que a Constituição seja cumprida.

Este livro é a união de momentos históricos diferentes que expressam o poder de poder. Todos os poderes citados ao longo do livro caminham para a transformação das estruturas, bem como a transformação humana educando para prevenir e superar as manifestações de violências presentes no cotidiano. Esses poderes são opostos a um tipo de poder que não é citado na obra de Claret, a inércia que mantém as estruturas em pleno funcionamento é deixada de lado e é ressaltado o poder das reações desse poder opressor.

#### **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

##### **4.1 Caracterização da Pesquisa**

Para iniciar uma pesquisa é necessário escolher uma matriz teórica para guiar a compreensão dos dados obtidos. Nesta pesquisa o entendimento do fenômeno se dá pelo materialismo histórico:

[...]conceitualmente, o termo materialismo diz respeito à condição material de existência humana, o termo histórico parte do entendimento de que a compreensão da existência humana implica na apreensão de seus condicionantes históricos, e o termo dialético tem como pressuposto o movimento da contradição produzida na própria história(GOMIDE, 2014, p. 3).

Essa teoria tem como marca a totalidade e sua abrangência “tenta, a partir de uma perspectiva histórica, cercar o objeto de conhecimento através da compreensão de todas as suas mediações e correlações” (MINAYO, 1993, p. 64). É a partir dessa concepção que se direciona o olhar quando se trata do fenômeno violências e a percepção e (re)ação dos professores perante as mesmas.

Para classificar a natureza da pesquisa busca-se superar o limite da dicotomia qualitativa ou quantitativa, uma vez que existem autores que defendem a ultrapassagem dessa divisão, e que as duas naturezas se complementam. Sendo assim, para Dal-Farra e Lopes (2014), usar mais de uma abordagem atribui uma qualidade maior ao trabalho, pois une as potencialidades de cada uma, possuindo respostas mais completas aos problemas de pesquisa.

Ambas as abordagens são necessárias, porém, em muitas circunstâncias, insuficientes para abarcar toda a realidade

observada. Portanto, elas podem e devem ser utilizadas, em tais circunstâncias, como complementares, sempre que o planejamento da investigação esteja em conformidade (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 240).

Portanto, para classificar a natureza da pesquisa, será utilizado o termo predominante. Segundo Silva (1996, p.92): “Nas metodologias qualitativas, os sujeitos de estudo não são reduzidos a variáveis isoladas ou a hipóteses, mas vistos como parte de um todo, em seu contexto natural, habitual.” Sendo assim, foi utilizado como procedimento predominante para obter e analisar os dados nesta pesquisa, a técnica qualitativa, uma vez que existe a busca pela compreensão das estratégias perante o fenômeno e não se restringe ao mesmo.

A pesquisa tem seus objetivos como descritivos, que segundo Gil (2002, p. 42) “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”; e são também exploratórios, os quais

[...]tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descobertas de intuições(GIL, 2002, p, 41).

Uma vez que busca identificar as violências que se manifestam no cotidiano escolar, procura-se descrever de que forma o fenômeno ocorre e as estratégias escolhidas para superá-lo, sem interferência e manipulação dos dados levantados.

#### 4.2 Procedimentos de Coleta de Dados

Em termos de procedimentos de campo, primeiramente serão analisados de forma criteriosa alguns documentos, destacadamente: Diretrizes Curriculares do Município de Florianópolis, visto que a Escola é mantida pelo município; Proposta de Gestão da atual Direção da Escola; Projeto Político-Pedagógico da Escola; Projetos de Ensino e Planos de aula. É prevista a análise de conteúdo desses documentos com o interesse de identificar a manifestação de situações de violências e respectivos indicativos de como

abordá-las no âmbito educacional municipal e nos documentos da escola escolhida.

Por nos encontrarmos em um momento atípico de distanciamento social devido à pandemia do Sars-Cov-2 (popularmente conhecida por COVID-19), os planos iniciais de elaborar um roteiro de observação e a partir dessas observações, sistematizar os blocos de perguntas da entrevista semiestruturada, que seriam feitas com os professores e direção presentes, foram modificados para um questionário *online* pelo aplicativo do *Google*, o *Google Forms*, uma vez que esta é a possibilidade mais segura de estar em contato, pois a Escola não está funcionando de forma presencial.

Para Gil (2008, p. 121), o questionário é uma técnica “com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc”.

O questionário (apêndice A), elaborado pela autora da pesquisa e seu orientador, baseado na literatura sobre violências utilizada e nos documentos mencionados, tem como finalidade identificar, sob a perspectiva dos professores, como as violências se manifestam e afetam seu cotidiano, e como (re)agem a elas.

Trata-se de um questionário com quatro blocos, totalizando trinta e quatro perguntas. As questões são abertas para que o professor tenha a oportunidade de discorrer sobre o assunto e posteriormente possibilite à pesquisadora classificar as respostas semelhantes e de maior relevância, a fim de dialogar com a literatura utilizada para compreensão do fenômeno. Entre as perguntas inseridas no questionário estão aquelas referentes à percepção da ocorrência das violências no dia-a-dia, dentro e fora do âmbito escolar; se acreditam no reflexo das mesmas no âmbito escolar; e sobre a prática pedagógica do professor para lidar com essas manifestações.

#### 4.3 Análise de Dados

Para analisar as respostas, será utilizada a técnica de análise de conteúdo, a qual, segundo Oliveira, Ens, Andrade e Muss (2003) visam interpretar o sentido atribuído pelos sujeitos relacionando com a realidade dos mesmos:



O conhecimento científico resulta da ação dialógica entre as complementaridades e antagonismos da razão, da experiência, da imaginação e da verificação. Esse conhecimento não pode, assim, de modo algum, ser dissociado da vida humana e da relação social (OLIVEIRA; ENS; ANDRADE; MUSS, 2003, p.4-5).

Nesse procedimento são necessárias três etapas: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN; 1977).

Para Silva, Gobbi e Simão (2005), primeiro se deve fazer a organização do trabalho, a qual consiste reunir, de forma prévia, o material existente para sua utilização; depois é necessário levantar os dados estabelecidos na primeira etapa, e na última etapa, efetuar a interpretação dos pontos levantados com a finalidade de atribuir os significados.

Desse modo, mediante o questionário (apêndice A), busca-se identificar se percebem e quais as (re)ações dos professores perante as violências, bem como identificar e analisar suas vivências no campo, e o diálogo dessas respostas com o contexto em que a escola se insere, assim como as formas de manifestar a não-violência à qual a literatura apresenta para prevenir às violências.

#### 4.4 População e Amostra

O campo escolhido para a pesquisa é a Escola Básica Municipal Maria Donícia da Costa, que é uma instituição municipal que recebe escolares do primeiro ao nono ano no período diurno, e no turno noturno oferta turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Compreender o entorno da escola é de fundamental importância para o entendimento das relações sociais que ali se manifestam. Ela está localizada no bairro Saco Grande, na Rodovia Virgílio Várzea, número 1264, paralelo à Rodovia José Carlos Daux (SC 401) no Norte da Ilha, considerado no ano de 2017, de janeiro a junho, a região mais violenta da Ilha, apresentando 48 óbitos (GEAC, 2017).

O próprio PPP da escola apresenta contextualização histórica do bairro. O Saco Grande possuiu por algumas décadas características rurais, com sua vegetação entre outras áreas naturais preservadas. Porém, com o processo de rápida urbanização da Ilha de Florianópolis, e política habitacional com

características de higienização, como o programa Bom Abrigo que ocorreu por volta dos anos 2000 e que transferiu casas que ficavam na entrada da cidade, às margens da BR 101, para aquele bairro.

Essas casas são hoje o Conjunto Habitacional Vila Cachoeira, que tem sua estrutura precária e fica muito próximo dos muros da escola e é local de moradia de grande parte dos escolares, bem como atalho entre a Vila Cachoeira e a Rodovia. Em seu entorno há grande contraste entre instituições públicas e privadas, que buscam atender ou os moradores do bairro, ou as necessidades mercadológicas dos empresários que estabelecem seus empreendimentos em Florianópolis, contribuindo para o movimento de especulação imobiliária que é responsável pelo decurso de rápida urbanização e higienização da cidade. São essas instituições e empreendimentos contrastantes o Centro de Saúde Municipal do Saco Grande, o Conselho dos Moradores do Saco Grande (COMOSG), a Associação Catarinense para a Integração do Cego (ACIC), o Serviço Nacional da Indústria e o Centro de Tecnologia e Automação Industrial (SENAI/CTAI), as Unidades Educativas Creche Vila Cachoeira, Creche Orlandina Cordeiro, EEB Laura Lima, Centro de Educação Complementar do Monte Verde, Núcleo de Educação Infantil (NEI) Barreira do Janga, Cidade das Abelhas e o Centro Administrativo do Governo do Estado de Santa Catarina, bem como o Floripa Shopping, Decatlon, Primavera Garden, NSC-TV, entre outros empreendimentos. No meio dos locais citados, é possível observar numerosos espaços voltados para diversas religiões, por exemplo, a Vila Cachoeira e a EBM Maria Donícia possuem muro em comum com a Igreja Universal.

É nesse contexto, com o contraste e suas contradições socioeconômicas, que os escolares, bem como os profissionais da escola, estão inseridos, e, portanto, expostos às violências consequentes dessas relações.

Atualmente, a Escola conta com uma área total de 5.636,51m<sup>2</sup>, sendo 2.110,61m<sup>2</sup> de área construída, divididos em dois pisos: 1.276,44 m<sup>2</sup> para o térreo e 824,17m<sup>2</sup> para o primeiro andar, no qual englobam as seguintes estruturas: sala de direção, sala de funcionários, sala dos especialistas em assuntos educacionais e secretaria, 11 salas de aula, sala de espelhos para práticas corporais, sala de Artes Plásticas e Música, sala de jogos e leitura, sala

de informática e sala multimeios para atendimento educacional especializado (AEE), biblioteca, laboratório de Ciências, auditório com capacidade para 110 pessoas, parque infantil cercado, parque aberto, quadra poliesportiva aberta, quadra poliesportiva coberta, banheiro masculino e feminino para professores, dois banheiros masculino e feminino para alunos, cozinha, depósito de merenda, pátio interno, almoxarifado pedagógico e pátio externo com grama.

### Quadro 1 - Caracterização dos professores participantes desta pesquisa

Professores/a	Bairro onde mora	Formação	Tempo de atuação	Contrato com a Rede Municipal de Florianópolis	Por que Educação Física?	Outras observações
<b>A</b>	38 anos, moradora do bairro Rio Vermelho, Florianópolis (24 km até a escola)	Licenciatura Plena em Educação Física e Especialização em Ciências do Treinamento Desportivo	8 anos no magistério e 6 anos e meio na Rede Municipal de Florianópolis	Seu contrato na Escola Donícia é efetivo de 20h (faz 20h em outra escola) e está há 2 anos nessa Escola trabalhando com o Fundamental I	Sua motivação para escolher a EF como profissão são as amplas possibilidades e trocas de experiência	Na Donícia tinha 20h e mais 20h em outra escola da rede. Precisava se deslocar entre uma e outra. Seu afastamento mais longo nesse período foi para cuidar da mãe por 30 dias
<b>B</b>	38 anos, morador do bairro Aririú da Formiga, Palhoça (35 km até a escola)	Educação Física Licenciatura e Mestrado em Educação Física	Atua há 14 anos no magistério e 12 anos na Rede Municipal de Florianópolis	Seu contrato é efetivo e está há 8 anos nessa Escola trabalhando com o Fundamental II e foi Diretor da escola de 2015 até dezembro de 2019	Sua motivação para escolher a EF como profissão foi a afinidade com a Capoeira	Na EBM Donícia atuou como professor nos anos de 2013 e 2014, sendo que a partir desta data foi eleito diretor da Escola, cargo que ocupou até dezembro de 2019. Agora em 2020 retornou para a sala de aula também nesta Escola
<b>C</b>	25 anos, morador do bairro Centro, São José	Licenciatura em Educação	Atua há 3 anos e meio no	Seu contrato é temporário e atuou por 1	Sua motivação para escolher	-- --

	(aproximadamente 18 km até a escola)	Física	magistério e 3ª nos na Rede Municipal de Florianópolis	ano (2019) nessa Escola trabalhando com o Fundamental II	a EF como profissão foram vários fatores combinados, mas inicialmente tinha interesse relacionado a outras áreas da Educação Física, porém no momento em que iniciou os estágios na graduação, foi se aproximando e gostando cada vez da docência	
<b>D</b>	34 anos, morador do Bairro João Paulo, Florianópolis (3,5 km até a escola)	Licenciatura em Educação Física (UFSC, 2012), mestrado em Educação (UFSC, 2017), doutorado em andamento (UDESC)	Atua há 10 anos no magistério e 7 anos na Rede Municipal de Florianópolis	Seu contrato é efetivo e está há 7 anos nessa Escola trabalhando com o Fundamental II	Sua motivação para escolher a EF como profissão foi trabalhar com o que gosta	Começou trabalhando no ensino de natação na graduação da UFSC, na condição de bolsista. Nos últimos anos do curso trabalhou na Educação de Jovens e Adultos, com contrato temporário na rede estadual. Após se formar, passou em concurso público na rede municipal e trabalha até hoje na mesma Escola, Donícia

Fonte: Elaborado pela autora

#### 4.5 Critérios de Inclusão e Exclusão

Os critérios para inclusão dos participantes consistem em serem professores de Educação Física que possuam contrato ativo com a escola

escolhida recentemente, e aceitar responder ao questionário demonstrando interesse em participar da pesquisa.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário enviado foi organizado em quatro blocos, sendo o primeiro de identificação, o segundo acerca da percepção dos professores sobre as violências, terceiro como as violências se apresentam dentro da escola e por fim, como se apresentam e quais as possibilidades de lidar com elas na Educação Física.

Esses blocos possuem a finalidade de identificar se os professores percebem as violências de forma plural e se a sua forma de lidar com elas utilizam da abordagem não-violenta. A complexidade do tema é reconhecida pelos professores, que analisam o contexto da comunidade escolar com sensibilidade.

### 5.1 Violências

No primeiro eixo “Violências”, os professores concordam que as violências são múltiplas e complexas, uma vez que se apresentam de formas diferentes e muitas vezes confundidas com as demonstrações de disciplina, afeto, e as condições dos serviços públicos, contribuindo para o processo de naturalização das mesmas.

“Sim, sofremos violências cotidianas, enquanto mulher, professora, etc. Acompanhamos muitos casos de violência na escola, dos mais variados tipos” (PROFESSORA A)

“Sim. Nas aulas de educação física muitas formas de violência se manifestam, muitas vezes reproduzindo ações e comportamentos presentes no cotidiano de muitos estudantes. Contudo, na condição de diretor, me deparei com muitas outras formas de violência sofridas pelos estudantes e famílias, desde as respectivas as condições econômico-sociais, até as mais sutis presentes no interior de famílias que tinha elevada preocupação em transparecer, para a escola, ou melhor para mim enquanto diretor, seu cotidiano familiar oprimido.” (PROFESSOR B)

“Bom, considero violências um tema complexo, mas em uma dimensão mais ampla, penso que o sistema em que vivemos é estruturalmente violento e nos violenta diariamente, sobretudo as pessoas mais pobres e que pertencem a grupos historicamente marginalizados. Para além da violência física e

moral, que também é comum e normalizada, grande parte das pessoas não têm acesso à direitos básicos para sobrevivência. Considero violento o fato de que, enquanto produzimos mais comida do que podemos comer, pessoas passam fome. E, chegando em uma dimensão mais específica, isso atravessa todas as nossas relações sociais, costumamos a nos relacionar com violência” (PROFESSOR C)

“infelizmente vivemos em uma sociedade extremamente violenta, que se expressa de diferentes maneiras e graus distintos, desde uma ofensa a um indivíduo até o extermínio deliberado de toda uma população.” (PROFESSOR D)

Essas respostas vão ao encontro do conceito de violências atribuído por Lopes e Gasparin (2003) em que existe violência nas ações que impedem qualquer sujeito, grupo ou classe de exercer seus direitos, o que para Renner (2018) ao analisar Johan Galtung, são as violências estruturais em que mesmo de forma não-intencional, possui responsabilidade humana daqueles que se interessam em manter e disseminar uma ordem excludente, portanto, violenta.

Quando questionados acerca da influência das violências cotidianas na vida escolar, os professores afirmam que prejudica no quesito biológico, uma vez que criança com fome e sono, não possui condições de se desenvolver plenamente, portanto não apreende os conteúdos.

Segundo Frota, Páscoa, Bezerra, Martins e Gurgel (2009) a fome prejudica a aprendizagem, a assimilação e a aquisição das diversas formas de se expressar, sendo assim, transcende o biológico afetando o social, afetivo e pode se tornar obstáculo para, inclusive, brincar, mesmo que esta seja inerente à condição da criança.

Sendo assim, a forma de se relacionar também é afetada, pois além das dificuldades supracitadas, podem naturalizar e reproduzir as violências sofridas no contexto em que vivem por meio de conflitos verbais e físicos entre os próprios escolares e escolares com professores:

“Afetam toda a sua vida e sua capacidade de se relacionar com o mundo. Isso sem dúvida reflete no ambiente escolar. A fome, a noite mal dormida, a violência física, o medo. Tudo isso afeta o aprendizado.”(PROFESSORA A)

“A violência pode ser caracterizada como toda e qualquer forma de opressão. Estudantes que possuem condições econômicas precárias sofrem todas as formas de violência. A falta do que comer talvez seja a maior delas, mas há outras formas, como violências verbais, doméstica caracterizada por

alguém da família que oprime os demais, violência muitas vezes contra as mães ou mulheres responsáveis pelos estudantes, violências sociais pela condição de classe, raça ou gênero etc. No ambiente escolar, essas violências se manifestam por várias razões e sem dúvida prejudicam o processo de ensino-aprendizagem. Talvez um exemplo que resume essa reflexão seja a célebre frase de Paulo Freire ao afirmar que quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar o opressor.” (PROFESSOR B)

“[...] A condição das moradias é uma das primeiras violências identificadas. Ao conhecer mais cada família, cada estudante com baixa autoestima, fica ainda mais evidente o quanto as variadas formas de violências afetam suas vidas” (PROFESSOR B)

“As escolas não são uma bolha, não estão descoladas do mundo em que vivemos. Se a sociedade é estruturalmente violenta, as escolas também serão. Nesse mesmo sentido, quanto maior o nível de violência no contexto em que os estudantes estão inseridos, maior as chances dessas violências serem reproduzidas de alguma forma.” (PROFESSOR C)

“Pela minha experiência pessoal na escola percebi que muitos dos alunos com dificuldades profundas de aprendizado, concentração, relacionamento, eram aqueles em que as violências se expressavam de forma mais brutal, como o abuso sexual, violência física, negligência. Estudantes que recentemente passaram por violência como a invasão da casa pela polícia, prisão ou morte de familiares, apresentavam muitas vezes comportamento violento, o que prejudicava sua relação com colegas e o aprendizado.” (PROFESSOR D)

Essas respostas, segundo Renner (2018), é uma manifestação em busca do reconhecimento de sua existência, mesmo que de forma equivocada, pois essas reproduções reforçam os estereótipos ao invés de romper com as violências sofridas.

Em relação ao rendimento escolar e a influência das violências, o professor B e C complementam sua resposta anterior reforçando o quanto ter os direitos básicos negligenciados, bem como as reproduções naturalizadas nas relações familiares, afetam o processo de aprendizagem do escolar:

“Sem dúvida afetam! Por mais acolhedor que tornemos o espaço da escola, se não considerarmos a realidade de nossos estudantes fora da escola, acabamos por não entender porque os mesmos reproduzem violências dentro do espaço escolar. Se a família exige que o adolescente realize permanentemente trabalhos domésticos, não participe do processo escolar do mesmo, o resultado é um estudante

propenso a reproduzir a violência que sofre aonde ele conviver inclusive na escola. A violência da baixa expectativa de vida de nossos estudantes muitas vezes constrói em seu imaginário que a escola é um lugar para passar o tempo até o retorno para sua condição precária de subsistência. Isso se torna uma trincheira que dificulta sua apropriação da escola enquanto sentido de formação para sua vida, presente e futura. Quando conseguimos promover esse processo de protagonismo estudantil, algumas barreiras são ultrapassadas, mas outras surgem, tais como dar conta do estudo sistematizado e da própria sobrevivência... Muitas foram as situações de opressão que tentei auxiliar a superar, em especial como diretor, mas o fato é que existem barreiras estruturais, sociais, econômicas e culturais que dificultam atender a real necessidade de nossa comunidade. Apesar disso, temos tido muitas conquistas e, sempre renovando a esperança nos processos de auxílio pedagógico, essencialmente humanizado, a partir do estabelecimento de relações humanas de igualdade, temos sim avançado.” (PROFESSOR B)

“Afeta em diversos níveis. Muitas vezes os relacionamentos são permeados pelas múltiplas violências, podendo ser até confundido com afetividade: "sou agressivo porque gosto de você", por exemplo. Tendo em vista os recursos psicológicos de crianças e adolescentes, ficar exposto cotidianamente à violência é muito prejudicial. Como é possível ver sentido em uma aula quando se está sendo submetido a contínuas violências?” (PROFESSOR C)

“As violências se caracterizam pelo uso intencional da força ou por diversas formas de violência simbólica pra agredir alguém ou um grupo. A violência que está na raiz dos problemas de nossa escola se dá de forma legal, tida socialmente como algo rotineiro: a exploração do trabalho das famílias de nossos escolares. Além de receberem em troca apenas uma parte do que seria necessário para manter uma vida digna, com moradia adequada, saneamento etc, convivem constantemente com a realidade do desemprego e do trabalho precário. Com a pandemia, essa violência está escancarada, pois as famílias de nossas crianças em geral não possuem as mínimas condições financeiras para prover um ambiente de estudos com equipamentos e conexão adequados para seus filhos. A concorrência por empregos por vezes alimenta a violência contra as famílias que vem de outras cidades, afetando o processo de adaptação da criança a uma nova escola. Alguns familiares de estudantes aventuram-se em atividades ilegais, como o contrabando e o tráfico de drogas. Daí derivam outras violências, como a da guerra de facções e de ações da polícia, muitas vezes nos muros da nossa escola. O convívio com toda essa violência torna algumas dessas crianças, sobretudo aquelas com menor amparo familiar, violentas umas com as outras, o que abala toda a comunidade escolar.” (PROFESSOR D)



Nas respostas acima é possível observar, mais uma vez, como o Estado se faz presente no cotidiano dos escolares de forma violenta, alimentando a sua espiral.

Após afirmarem que percebem as violências como múltiplas, os quatro professores concordam que as mesmas são um problema da saúde. Nesse ponto, ressaltamos a resposta dos professores B e C, que além da afirmativa, justificam como as violências se caracterizam como um problema de saúde:

“Sim. Tanto no sentido clássico do conceito de saúde ser ausência de doenças, como no sentido ampliado, da saúde coletiva, na perspectiva que se não há um bem viver, ou seja, se a sociedade sofre pela opressão, em especial pela condição de classe, a violência afeta a saúde coletiva da população.” (PROFESSOR B)

“Sim. Relacionado às questões de direitos básicos. Não garantir o direito de acessar um sistema de saúde de qualidade é uma forma de violentar as pessoas. Também no sentido específico, no qual a violência cotidiana afeta física e mentalmente e deixa marcas.” (PROFESSOR C)

Mesmo sem utilizar o termo saúde coletiva, o professor C, ao justificar sua resposta, apresenta a mesma compreensão ampliada de saúde, que segundo Júnior (2002) atua com as potencialidades do social e biomédico, uma vez que analisa as relações de poder estabelecidas e, a partir disso, busca solucionar os problemas de forma sensível e profunda levando em consideração a realidade do contexto.

Nesse primeiro eixo é possível concluir que os professores percebem as violências, assim como Minayo (2014), como um fenômeno plural, de forma que se distanciam de naturalizar as diversas manifestações e elencam as desigualdades sociais em que a comunidade escolar está exposta como principal combustível para as manifestações das violências percebidas.

A moradia precária, bem como descaso e negligência do poder público perante os direitos básicos, que segundo os professores, só se faz presente no papel punitivo e agressivo da ação policial, são exemplos das violências sofridas pela comunidade escolar, uma vez que o Estado se faz presente disseminando e reforçando as desigualdades sociais, ou seja, violentando a população. As respostas se tornam reproduções dessas violências representando-as nos grupos em que estão inseridos.

“As crianças da Donícia vivem violências diariamente. Seja da família, seja do estado na figura da polícia, seja de outras forças que disputam o espaço onde moram. São violências físicas, psicológicas, negligência, abandono.” (PROFESSORA A)

“Muitas das violências sofridas pelas crianças são resultado de operações policiais. O Estado só se faz presente nas comunidades através do uso da força.” (PROFESSORA A)

O PPP da escola, ao apresentar o contexto em que a Escola se encontra, também nos dá uma pista das desigualdades presentes na vida de seus escolares:

[...]encontram-se casas de baixo a médio padrão e conjuntos habitacionais construídos pelos governos, destinados à população de baixa renda, além de precárias condições de moradia e até mesmo ocupações dos morros, sem qualquer fiscalização (Projeto político pedagógico, p.8, 2019).

Há também muitos pais que se deparam com grandes dificuldades na conquista de emprego, o que não lhes permite suprir as necessidades básicas de sua família [...]muitas crianças e adolescentes que freqüentam a Escola se encontram em situação de vulnerabilidade social(Projeto político pedagógico, p.9, 2019).

Para Arns (1978) as desigualdades sociais, bem como o interesse do Estado de manter e perpetuar as mesmas, é uma violência que contribui para as outras violências possuírem protagonismo no cotidiano. A negligência perante os direitos básicos contribui para a revolta do sujeito, que acaba por se enxergar sem saída, sem condições dignas de existência e, portanto, sem conhecer a possibilidade de transformação da realidade.

## 5.2 Violências e Escola

No segundo eixo “Violências e a Escola”, os quatro professores afirmam que a escola reproduz as violências discutidas no primeiro eixo. A negligência do Estado com o âmbito escolar reforça as desigualdades sociais, bem como dificulta que a escola cumpra sua proposta emancipatória e transformadora presente no PPP:

“Depende do ponto de vista de quem realiza a ação. A violência é reproduzida na escola pelo governo que promove a falta de estrutura mínima para o aprendizado; A violência é reproduzida pelos profissionais que atuam de forma às vezes

mecanizada, ou seja, na perspectiva de depositar conteúdos, sem reconhecer quais as necessidades reais da comunidade educativa, perpetuam a educação bancária, a qual é uma forma de violência curricular. A "grade" de horários reflete e ilustra essa violência institucional, por exemplo. A violência é reproduzida pelas famílias que, por exemplo, oprimem seus filhos em casa e quando chamadas para conversar na escola os violentam no próprio ambiente pedagógico. A violência é reproduzida pelos estudantes que em seu processo de formação de consciência ingênua buscam tornar-se opressores, assumindo controles simbólicos entre seus grupos sociais. Enfim, poderia ficar trazendo variadas manifestações de violências, mas creio que, mais importante que isso, seja o fortalecimento de vínculo e pertencimento de cada estudante com a escola, de cada família com a escola, enfim, na busca da construção não apenas uma escola melhor, mas efetivamente seres humanos melhores, desde os governantes a professores, de familiares responsáveis a crianças e adolescentes." (PROFESSOR B)

Partindo do reconhecimento das reproduções no âmbito escolar, os professores foram questionados sobre como podem contribuir para prevenção das violências e corroboraram com Renner (2018) ao concluir que não-violência é mais que ausência de danos e necessita de atitudes efetivas, a fim de transformar o sujeito e sua realidade:

"Através de uma mudança profunda na comunidade, com investimentos em infraestrutura básica, melhores condições de vida, saúde, educação, cultura, lazer de qualidade. Emprego e moradia. Enquanto estive na escola busquei modificar a realidade dos meus alunos de muitas formas. Algumas vezes fui bem-sucedida, outras não" (PROFESSORA A)

"Somos sempre afetados pelas relações que estabelecemos com os outros, com os objetos, com a natureza em geral. Nesse sentido aprendi certa vez com um grande professor que tive, que promover o belo dentro da escola, a não violência e incentivar processos de satisfação humana contribuem, não para resolver, mas amenizar a violência cotidiana que todos sofremos, em especial nossos estudantes. Para além disso, uma atuação profissional consciente, vinculada as lutas da categoria no âmbito comunitário, sindical e até partidário, contribuem no mediato e no imediato para evitar algumas das formas de violência estrutural. Conhecer aspectos da cultura dos estudantes, encontrar caminhos de construção comum, respeitando a individualidade de cada um, fortalecendo o pensamento coletivo, de comum unidade, de comunidade também é essencial tanto para evitar, mas principalmente para superar violências históricas que atingem a sociedade em geral." (PROFESSOR B)

“É um processo, mas é preciso discutir e entender a raiz dos problemas e não individualizar a questão. Penso que é um problema social e, portanto, é coletivo e acontece para além da escola.” (PROFESSOR C)

O professor B complementa

“A escola Donícia de 2013 e a de 2020 é completamente diferente. Não apenas por suas paredes pintadas, ou pela quadra coberta, mas principalmente pela qualidade humana de seus profissionais, gradativamente sendo transformada no sentido de promover a educação sempre com a comunidade, não apenas "para" a comunidade. Neste ano, com pandemia e isolamento social, estou dando aula para os anos finais e nosso grupo de professores tem construído práticas pedagógicas interdisciplinares, a partir de temas geradores identificados nas situações problemas vivenciadas na comunidade. Se considero isso um avanço, é claro que considero, mas a certeza é a de que para chegarmos nesse nível de construção coletiva, muitos foram os avanços anteriores, desde aprender a ouvir a comunidade e seus anseios, como também instrumentalizar a comunidade com o conhecimento sistematizado, político, artístico e filosófico produzido e reproduzido na escola ao longo dos anos. Se é verdade que todos os avanços são vulneráveis e sempre tem o risco de regredir, é também verdade que o sentimento de pertencimento de cada estudante e de cada profissional da escola avança a cada dia, na medida em que exercemos processos democráticos de fato e caminhamos junto com a comunidade, reconhecendo as diversas situações problemas, mas de forma horizontal buscando identificar os inéditos viáveis” (PROFESSOR B)

Nesse ponto já é possível observar a intenção de usufruir das técnicas não-violentas para prevenir as violências, de forma que dialogam com os mecanismos de mudança apresentados por Sharp (1996), em que existe a possibilidade de conversão, na qual a transformação ocorre e o sujeito passa a compreender o conflito e sua resolução por um novo ponto de vista.

Ainda pensando nas técnicas não-violentas, quando questionado sobre o papel do COMOSG, os professores reconhecem a importância da Escola possuir uma relação articulada com ele a fim de atingir essa conversão, visto que:

“Se é verdade que grande parte da atuação do Comosg é para atender os estudantes da escola no formato de educação complementar no contra turno, é verdade também que nas várias lutas da comunidade por direitos e liberdades democráticas muitas vezes essa instituição é protagonista, o

que permite grande auxílio na prevenção e no próprio combate a violência social que acomete a comunidade.” (PROFESSOR B)

“O COMOSG tem um papel fundamental nesse sentido. Boa parte dos estudantes da escola são atendidos pelo COMOSG no contra turno e, como o trabalho é menos rígido com relação à calendário escolar e avaliações, as possibilidades de lidar com as situações são outras. A relação com o tempo é outra. O contato com os estudantes e famílias também é diferente, é mais próximo.” (PROFESSOR C)

“O conselho comunitário promove atividades que engrandecem a experiência de vida das crianças atendidas, além de lhes garantir mais uma refeição no dia.” (PROFESSOR D)

### 5.3 Violências e a Educação Física

No terceiro eixo “Violências e a Educação Física” os professores afirmam perceber em suas aulas as manifestações relatadas nos eixos anteriores

“Sim. O corpo fala. Na medida em que conduzimos atividades mais dinâmicas, com muita movimentação, várias violências se manifestam, desde físicas ou verbais, a violência exposta pelo isolamento e a não participação da aula.” (PROFESSOR B)

“Sim, de todas as formas. Nas aulas práticas de Educação Física os estudantes estão mais expostos e, portanto, mais vulneráveis. Ao mesmo tempo em que é um dos poucos momentos da vida escolar em que as crianças podem ser crianças de fato. Depois de passar a manhã toda sentados em uma cadeira na sala de aula, é de se esperar que em algum momento a necessidade de extrapolar suas energia vai ser sentida.” (PROFESSOR C).

Quando questionados sobre como prevenir essas manifestações em suas aulas, é possível observar que as respostas vão ao encontro das técnicas, meios e formas, propostas pelo livro *O poder da não-violência*, para prevenção das mesmas, assim como a proposta da Prefeitura de Florianópolis e o PPP da escola, a qual propõe uma educação crítica a fim de emancipar seus escolares.

“Através de um trabalho pedagógico voltado para o aluno, levando em consideração essas situações” (PROFESSORA A)

“Cada caso é um caso. Na medida que conhecemos a singularidade dos nossos estudantes temos mais elementos para definir estratégias de ação. Mas o princípio do respeito, do cuidado, do ouvir o outro, é a base para a melhor solução

dos conflitos que surgem a partir de manifestações violentas.”  
(PROFESSOR B)

“Cada caso é um caso. Na medida que conhecemos a singularidade dos nossos estudantes temos mais elementos para definir estratégias de ação. Mas o princípio do respeito, do cuidado, do ouvir o outro, é a base para a melhor solução dos conflitos que surgem a partir de manifestações violentas.”  
(PROFESSOR C)

Assim como Claret (1996) em seu livro, os professores enfatizam a relevância do poder da informação como primeiro passo para avançar nas prevenções. É necessário o reconhecimento da sua realidade e a partir dessa compreensão buscar a mudança.

Esse poder da informação não é uma necessidade exclusiva dos educandos, pois segundos os professores que colaboraram com a pesquisa, é necessário ouvir e conhecer seus alunos e suas realidades para que sua prática pedagógica possibilite a compreensão do meio e o caminho para a transformação do mesmo.

Ao questionar o papel da Educação Física frente ao fenômeno, a professora A responde como se a Educação Física não possuísse elementos próprios que contemplam a técnica Não-Violenta contribuindo para prevenção.

“Isoladamente não acredito. Só um conjunto de ações pode prevenir as violências” (PROFESSORA A)

Porém, os professores B,C e D compreendem a Educação Física de forma que, sem transferir a responsabilidade de forma romantizada para a educação, possa contribuir efetivamente para a prevenção das violências para além do âmbito escolar:

“Sim, na medida em que promove a cultura corporal no espaço escolar. Mas não qualquer cultura corporal, mas o objeto de conhecimento sistematizado e produzido pelo Coletivo de Autores, o qual é uma ferramenta de promoção do potencial humano para além do capital” (PROFESSOR B)

“Totalmente. Como os estudantes estão mais suscetíveis a essas situações, pode ser mais fácil dialogar sobre essas questões a partir de uma situação concreta de violência”  
(PROFESSOR C)

“Ao longo destes anos em que trabalho na Donícia realizamos algumas campanhas de conscientização sobre as formas de violência. Em minhas aulas procuro tratar a partir dos mais

diversos conteúdos da EF questões como a diversidade cultural, o respeito ao diferente, etc.” (PROFESSOR D)

O professor B sugere como base de uma prática não-violenta dentro da Educação Física a concepção Crítico-Superadora, que tem como base teórica a Pedagogia Histórico-Crítica, pois busca proporcionar ao escolar uma práxis com a intenção de compreender o meio e as relações de poder nele existentes, atribuindo outros significados ao movimento humano, desmitificando imagens e símbolos entre outras competências através das seis unidades temáticas (brincadeiras e jogos, ginásticas, lutas, danças, esportes e práticas corporais de aventura) e a partir disso as possibilidades de transformação.

Para Matiello Júnior (2002) é com as concepções progressistas que começam a surgir na década de 1980 em diante que se torna possível enxergar possibilidades de contemplar a necessidade exposta por Ghiraldelli (1994) de tornar as contradições perceptíveis pelo movimento corporal.

Ainda para Matiello Júnior (2002), existem três concepções que se fazem importante para esse processo de prevenção das violências na Educação Física, são elas: Aulas Abertas, que busca desmitificar o papel do professor como único detentor do saber, abordando em suas aulas os níveis significativos, individual e coletivo; Crítico Emancipatória, que dentro das suas três competências (social, objetiva e comunicativa) busca focar no processo (aluno) e não no produto (modalidade abordada) de forma que o aluno possa, através da reflexão e esclarecimento, se emancipar da coerção auto-imposta; e a Crítico-Superadora, a qual traz as os interesses classistas, as relações de poder existentes na realidade, e explica suas determinações.

É importante ressaltar que essas concepções não negam ou negligenciam a técnica e os fatores biológicos. O autor citado aponta ainda, que a saúde coletiva contempla a união dos fatores biológicos e sociais, presentes nas concepções da Educação Física, e que mesmo indiretamente, os temas da Educação Física não estão isentos das violências, pois estas se manifestam nas relações presentes nas modalidades e campos de atuação.

A partir de todas as percepções, os professores são questionados se conhecem e utilizam a abordagem da não-violência. Os professores C e D responderam não conhecer, sendo assim, alegam não saber se utilizam. Entretanto, ao agrupar as respostas dos professores e relacionar com os

conceitos apresentados ao longo desta pesquisa, é possível afirmar que mesmo sem conhecerem a abordagem, as práticas dos professores condizem com as técnicas, formas e meios de atuação da abordagem não-violenta.

## 6. CONCLUSÃO

Porque queremos ver a vida de diferentes formas, inclusive do ponto de vista dos que nunca subiram no ponto mais alto das disputas humanas. Porque é de lá que também se aprende que o ouro não vale a vida das pessoas, mas que todas as pessoas valem ouro! (MATIELLO JÚNIOR; CAPELA, p. 199-200, 2010).

Quando pensamos em violências cotidianas, é comum associar o termo de forma limitada às notícias que temos acesso muitas vezes de forma sensacionalista, através dos diversos meios de comunicação, ou mesmo, quando somos vítimas de algum crime.

Porém, as violências cotidianas se apresentam de forma sutil, ao ponto de serem naturalizadas. Essas formas, apesar de naturalizadas, também podem ser consideradas criminosas, uma vez que as desigualdades sociais disseminadas e perpetuadas pela sociedade são atentados ao desenvolvimento do potencial humano e da vida, pois a negligência perante os direitos básicos impede uma saúde plena, limitando a vida a existir e sobreviver.

Essas violências se fazem presentes na escola, pois a escola não está aparte da sociedade e não é a-histórica. A instituição sofre com as mesmas negligências, passando por um processo de precarização para servir à ideologia dominante que saúda o consumo e transfere responsabilidades coletivas para os indivíduos.

Partindo desta análise, é possível afirmar que a escola, bem como os escolares, professores e outros trabalhadores presentes nesse espaço, estão sendo violentados, e a fim de manifestar sua voz calada pela estrutura violenta que estamos inseridos, são passíveis de reproduzi-las.

Na escola Donícia Maria da Costa, encontramos em seu PPP e nas respostas dos professores o interesse em manifestar sua voz sem cair nas armadilhas das reproduções. Baseando-se em teorias progressistas, com a finalidade de apresentar e compreender o contexto em que a comunidade escolar se insere e a partir disso, contribuir para a transformação desse meio, apresentando aos escolares uma nova forma de compreender e agir no



mesmo, realizando uma práxis, uma vez que a teoria apresentada neste documento é perceptível na prática pedagógica dos professores.

No PPP é possível encontrar o poder da informação nas partes em que nos é apresentado o contexto dos escolares, assim como a função da Escola e as possibilidades de emancipação e transformação presentes nos compromissos que a Escola assume. Nesses compromissos, mesmo que de forma indireta, a técnica da não-violência pode ser encontrada no método de combinação ao se propor a estabelecer uma relação diferente da ordem dominante, a fim de utilizar seus recursos para que se realize a conversão, a qual busca transformar os escolares em sujeitos que passam a compreender o conflito e sua resolução por um novo ponto de vista, sem recorrer às mesmas violências sofridas para fazer com que sua existência e vontade sejam notadas e atendidas.

Nas respostas ao questionário é possível observar que mesmo aqueles que não conhecem a não-violência de forma sistematizada contemplam em suas ações a técnica e a forma de atuação, uma vez que buscam mediar suas aulas valorizando o potencial humano dos escolares, negando-se a reproduzir ou contribuir para perpetuação das violências já sofridas e se empenham em cumprir o compromisso de transformar a realidade.

Por fim, conclui-se que a abordagem não-violenta se faz presente nas intenções e ações da Escola Donícia, tanto em seu PPP que cumpre o seu papel Político e Pedagógico, quanto nas percepções dos professores de Educação Física sobre a pluralidade das violências e suas raízes. Sendo assim, buscando romper as reproduções com a abordagem não-violenta, com o intuito de prevenir as violências.

Acredito ser indispensável que a Educação Física, como componente curricular, não deve compreender as violências como um problema à parte, ou limitar-se às manifestações agressivas. As concepções progressistas da área possuem elementos que contemplam os métodos e formas de atuação da abordagem não-violenta, sendo assim, com potencial para prevenir as violências e atingir a transformação dos escolares e suas realidades.

## REFERENCIAS

- ABRAMOVAY, M. e CASTRO, M. G. **Caleidoscópio das Violências nas Escolas**. Brasília: Missão Criança, 2006.
- BARDIN, Laurence. Método. In: BARDIN, Laurence. **L'Analyse de Conremt**. Lisboa: Edições 70, 1977. Cap. 3. p. 93-150.
- CARDOSO, Monique Fonseca; BATISTA-DOS-SANTOS, Ana Cristina; DE LIMA ALLOUFA, Jomária Mata. Sujeito, Linguagem, Ideologia, Mundo: Técnica Hermenêutico-dialética para Análise de Dados Qualitativos de Estudos Críticos em Administração. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 14, n. 2, 2015.
- CHARLOT, Bernard. A Violência na escola: como sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 8, n. 4, p.432-442, dez. 2002. Traduzido do original em francês por Sonia Taborda.
- CLARET, Martin. **O Poder da Não-Violência**. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 1996. 143 p.
- DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. Métodos Mistos de Pesquisa em Educação: Pressupostos Teóricos. **Nuances: estudos sobre Educação**, [s.l.], v. 24, n. 3, p.67-80, 22 jan. 2014. Nuances Estudos Sobre Educacao. <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v24i3.2698>.
- FRAGOSO, Antônio Batista. **Firmeza Permanente**. São Paulo: Loyola, 1977
- FROTA, Mirna Albuquerque; PÁSCOA, Emanuela Galvão; BEZERRA, Maria Dasdores Monteiro; MARTINS, Mariana Cavalcante; GURGEL, Adryana Aguiar. MÁ ALIMENTAÇÃO: FATOR QUE INFLUENCIA NA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA. *ApS, Juiz de Fora*, v. 12, n. 3, p. 278-284, set. 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.a, 2002.
- GOMIDE, Denise Camargo. O Materialismo Histórico-Dialético Como Enfoque Metodológico Para a Pesquisa Sobre Políticas Educacionais. In: **XII Jornada do Histedbr**, 10., 2014, Caxias. Artigo. Caxias: Sem Editora, 2014. p. 1 – 14.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **Censo demográfico; resultados preliminares** – São Paulo, Rio de Janeiro, 2015
- KRUG, E. G. et al. (Org.) **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: Organização Mundial da Saúde, 2002.
- LOPES, Claudivan Sanches; GASPARIN, João Luiz. Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. **Acta Scientiarum. Human And Social Sciences**, [S.L.], v. 25, n. 2, p. 1-10, 16 dez. 2003. Universidade Estadual de Maringá. <http://dx.doi.org/10.4025/actascihumansoc.v25i2.2192>.
- MATIELLO JÚNIOR, Edgard; CAPELA, Paulo; BREILH, Jaime. **Ensaio Alternativo Latino-Americano de Educação Física, Esportes e Saúde**. Florianópolis: Copiart, 2010.
- MATIELLO JUNIOR, Edgard. Educação física, saúde coletiva e a luta do MST: reconstruindo relações a partir das violências. 2002. 155p. **Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas**, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/275397>>.
- MATIELLO JÚNIOR, Edgard; GONÇALVES, Aguinaldo; MARTINEZ, Jéssica Félix Nicácio. SUPERANDO RISCOS NA ATIVIDADE FÍSICA RELACIONADA À SAÚDE. **Movimento (Esefid/ufrgs)**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 39-61, 30 abr. 2008. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.3761>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor saúde. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 07-18, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Bases conceituais e históricas da violência e setor saúde. In: NJAINE, Kathieet al. **Impactos da Violência na Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, p.239-262, set. 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec -**Abrasco**, 1993.

NJAINE, Kathie.;MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência da escola: identificando pistas para prevenção. In :**Revue Interface**, v.7, n.13, p.119-132, 2003.

OLIVEIRA, Eliana; ENS, Romilda Teodora; ANDRADE, Daniela B. S. Freire; MUSS, Carlo Ralph. ANÁLISE DE CONTEÚDO E PESQUISA NA ÁREA DA EDUCAÇÃO1. **Revista Diálogo Educacional**, [S.L.], v. 4, n. 9, p. 11-17, 17 jul. 2003. Pontifícia Universidade Católica do Parana - PUCPR. <http://dx.doi.org/10.7213/rde.v4i9.6479>.

Projeto Político Pedagógico Escola de Educação Básica Maria Dónica da Costa. Florianópolis. 2019.

RENNER, José Alcides. DESOBEDIÊNCIA CIVIL E NÃO VIOLÊNCIA. **Revista Direitos Humanos e Democracia**, [S.L.], v. 6, n. 11, p. 328-356, 20 abr. 2018. EditoraUnijui. <http://dx.doi.org/10.21527/2317-5389.2018.11.328-353>.

RIFIOTIS, Theophilos. O fantasma da violência. Reflexões sobre "forças centrífugas" e um objeto em revolução. **História em revista**, v. 3, 1997.

SHARP, Gene. **The Politics of Nonviolent Action**. SemCidade: Porter Sargent, 1973.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa. O SILVA, C. R. et al. Organ. ruraisagroind., Lavras, v. 7, n. 1, p. 70-81. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 7, n. 1, p.70-81, abr. 2005.

SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. A Pesquisa Qualitativa em Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 1, n. 10, p.87-98, jun. 1996.

ZALUAR, Alba. Oito temas para debate: violência e segurança pública. **Sociologia, problemas e praticas**, n. 38, p. 19-24, 2002.

ZORBA, Magda do Canto. **Modos de subjetivação na vida cotidiana: um estudo na Vila Cachoeira (Florianópolis - SC)**. 2003. 154 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina., Florianópolis, 2003.

## **ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Aceito livremente participar do estudo "violência estrutural, seus impactos no cotidiano da Educação Física escolar e as formas de (re)ação não-violentas", sob responsabilidade do pesquisador Prof. Dr. Edgard Matiello Júnior, docente do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo do estudo é identificar e analisar as formas que as violências se manifestam no âmbito escolar e como os professores (re)agem a elas.

**Participação:** Ao concordar em participar, deverei estar à disposição para responder uma entrevista que visa investigar sobre aspectos da minha formação e prática pedagógica.

**Riscos:** Estou ciente que o estudo não trará riscos para minha integridade física ou moral.

**Benefícios:** Estou ciente de que as informações obtidas com esse estudo poderão ser úteis cientificamente e de ajuda para outros.

**Privacidade:** A identificação dos participantes será mantida em sigilo, sendo que os resultados do presente estudo poderão ser divulgados em congressos e publicados em revistas científicas. Minha participação é, portanto, voluntária, podendo desistir a qualquer momento do estudo, sem qualquer prejuízo para mim. Pela minha participação no estudo eu não receberei qualquer valor em dinheiro e terei a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de minha responsabilidade.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE AS VIOLÊNCIAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CENTRO DE DESPORTOS



CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

### Questionário sobre as violências e seus impactos no cotidiano da Educação Física Escolar

Este questionário tem como objetivo uma primeira aproximação com os sujeitos desta pesquisa, os professores de Educação Física da Escola Básica Municipal Donícia Maria da Costa, e de suas percepções acerca das manifestações das violências extra e intra muro escolar, bem como possibilidades e limitações para tratar do tema nas aulas de Educação Física.

Sua participação será fundamental para a concretização desta pesquisa.

Desde já, agradeço a atenção.

#### 1- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1.1 Nome.

1.2 Sexo

Feminino ( )

Masculino ( )

1.3 Idade.

1.4 Nome do Bairro que residia e distância aproximada da Escola Donícia nos tempos que exercia seu ensino presencial.

1.5 Áreas de formação (graduação, pós-graduação).

1.6 Tempo de atuação no magistério.

1.7 Tempo de atuação no magistério na Rede Municipal de Florianópolis.

1.8 Seu contrato com a escola é

Efetivo ( )

Temporário ( )

1.9 Tempo (em anos) e período de atuação (de \_\_\_ até \_\_\_ ) na Donícia.

1.10 Turmas com que mais atuou na Educação Física na Donícia

Fundamental I ( )

Fundamental II ( )

Ensino Médio ( )

Educação para Jovens e Adultos (EJA) ( )

1.11 Motivação para a escolha da profissão

1.12 Outras observações importantes (ex: descrever afastamentos, trabalhos simultâneos em mais escolas,...)

## 2 -VIOLÊNCIAS

2.1 Você está familiarizado com o conceito “violências” e suas diferentes formas de manifestações? Comente a respeito

2.2 Como você pode descrever o que são violências e como elas afetam a vida de escolares?

2.3 Você considera as violências um problema de saúde? Comente a respeito

2.4 Você considera Florianópolis uma cidade violenta? Comente a respeito.

2.5 E quanto ao contexto social em que vive a maioria dos/as estudantes da Escola Donícia, você considera haver violências que afetam as vidas deles/as? Comente a respeito.

2.6 Em termos de tipologia das violências que afetam estudantes da Escola, mencione três tipos que são, em ordem, aqueles que são mais graves até os menos graves:

2.7 Essas violências às quais estudantes são submetidos/as afetam, de alguma forma, a capacidade de aprendizado e de relacionamento na Escola? Explique, por favor:

### 3 - VIOLÊNCIAS E A ESCOLA

3.1 Você considera que o ambiente da Escola Donícia reproduz alguma forma de violências?

Não ( )

Não sei ( )

Sim ( )

3.2 Em caso positivo, quais as manifestações de violências que são reproduzidas no âmbito da Escola?

3.3 Sobre essas violências, algumas das formas poderiam ser evitadas? De quais formas?

3.4 Você tem buscado contribuir para evitar a reprodução das violências na Escola Donícia? Explique de que forma e se tem conseguido avanços:

3.5 Você se sente seguro em seu ambiente de trabalho? Justifique sua resposta.

3.6 Você considera que as Instituições públicas ligadas à segurança e educação do Estado de SC e do município tem agido nas comunidades e na

Escola a fim de prevenir as violências praticadas contra seus estudantes e também contra você no contexto de seu trabalho?

3.7 Como você entende o papel da família para auxílio na prevenção das violências?

3.8 A Escola possui um trabalho articulado com a COMOSG?

3.9 Como você entende o papel da COMOSG para auxílio na prevenção das violências?

#### 4 – EDUCAÇÃO FÍSICA E VIOLÊNCIAS

4.1 Você observa manifestações de violências nas suas aulas de Educação Física? Justifique sua resposta:

4.2 Como você lida com essas manifestações?

4.3 Você considera a área da Educação Física capaz de contribuir para prevenção das violências? Justifique sua resposta:

4.4 Você conhece algo sobre a abordagem da não-violência? Se sim, discorra brevemente sobre ela:

4.5 Você acredita que de alguma forma inclui a abordagem da não-violência na sua prática pedagógica?

4.6 Aqui, se você quiser, pode complementar alguma resposta, ou, discorrer mais sobre o tema